



Uma Princesinha no País das Maravilhas

Flavio P. Oliveira

Flavio P. Oliveira

Uma Princesinha no País das Maravilhas

1ª Edição

Delirium Editora

Rio de Janeiro

[2017]

Os direitos autorais desta obra pertencem a Flavio Pereira de Oliveira. Todos os direitos desta edição reservados à Delirium Editora.

Revisão: **Érica M. Bettoni Hayashibara.**

Ilustrações: **Flavio P. Oliveira**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Flavio P.

Uma princesinha no país das maravilhas /

Flavio P. Oliveira ;[ilustrações do autor]. –

1. ed. – Rio de Janeiro : Delirium Editora, 2017.

ISBN 978-85-69423-05-8

1. Ficção - Literatura infantojuvenil

I. Título.

17-03294

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5

2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

[2017]

Delirium Editora

<http://deliriumeditora.com.br>

<http://facebook.com/deliriumeditora>

-

Contato através do e-mail:

contato@deliriumeditora.com.br

A Alice deste livro é profundamente inspirada no Pequeno Príncipe de **Antoine de Saint-Exupéry**. Certas passagens – bem como frases, ensinamentos, ideias, sugestões, personagens etc. – desta história se inspiraram em algumas das aventuras do menino, contadas no livro *O Pequeno Príncipe*, outras têm como influência parte das aventuras da Alice de **Lewis Carroll**, contadas em *Alice no País das Maravilhas*. Algumas situações vieram da mais pura e simples inspiração nascida desses dois clássicos da literatura universal e de outras histórias. Certas referências estão explícitas, outras camufladas.

♥ *Divirta-se.*

*“Tu deviens responsable
pour toujours de ce que tu as apprivoisé.”*

Antoine de Saint-Exupéry



Quando estava com uns seis anos, tentei seguir os passos do chapeleiro real – o qual havia sido o costureiro real, mas fora rebaixado de posto, devido a um acidente no vestido de copas – e desenhei, usando lápis coloridos, o meu primeiríssimo chapéu. Mostrei essa minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei a opinião delas. Pasmem! Viram uma jiboia digerindo um elefante, no meu desenho.

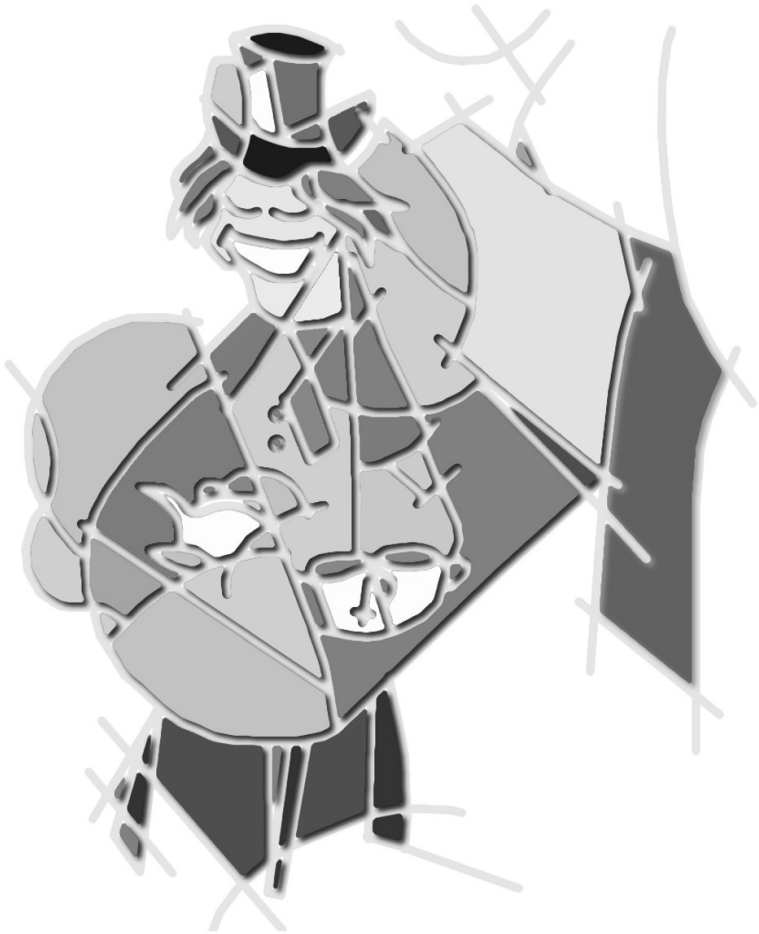
As pessoas grandes aconselharam-me a deixar os chapéus irregulares e a dedicar-me a qualquer outra atividade.

Desencorajado pelo insucesso do chapéu número um, pelo fato de as pessoas grandes não entenderem nada sozinhas e ser cansativo para crianças explicar a todo instante um desenho, escondia minhas criações em tocas de coelhos nos arredores. No entanto, tive, no decorrer da vida, contato com gente louca e com gente séria e, quando encontrava uma menos lúcida, fazia o

teste do desenho número um, levado comigo no bolso. Sempre incluíam alguma cobra engolindo algum grande mamífero na resposta.

A Lebre de Março me aconselharia, anos depois, a desistir de mostrar o desenho e a usar uma manteiga diferente.





O Chapeleiro muito (muito) maluquinho,
uma mesa de chá, uma árvore... De repente...



Enquanto termino a arrumação da mesa, o Leirão dorme encolhido, acordará a tempo e antes do chá esfriar, não é nada gostoso chá resfriado.

O Rei detesta também.

A mesa fica embaixo da árvore, em frente à casa. O Leirão dorme muito. A mesa é bem grande, espaçosa, mas estamos quase amontoados em um canto. Uma menina, elegante como poucas da idade dela, sem aqueles sujinhos das brincadeiras, corridas e quedas, aproxima-se e diz:

– Por favor, desenha-me um passarinho.

A menina vestida a rigor – em roupa um tanto quanto masculina, parecendo uma princesa guerreira – não se mostra perdida, nem morta de cansaço, nem morta de fome, nem disposta a saborear um chá preparado por um chapeleiro. Ainda assim pergunto:

– Mas que fazes aqui?

– Por favor, desenha-me um passarinho – repete,

seriamente.

Durante anos, vi os meus desenhos serem incompreendidos pelas pessoas grandes e peguei pavor em mostrá-los. Mostro meus chapéus finalizados, não rabiscos e croquis, e jamais tentei desenhar roupas e acessórios. Sou apenas um chapeleiro, por culpa da incompreensão das pessoas sérias.

Talvez essa pequena seja diferente, farei um teste. Pego as minhas canetinhas e uma folha de papel do bolso do paletó, desenho um chapéu similar àquele meu primeiro e mostro.

– Não! Não! Eu não quero um chapéu para meu traje de gala.

Feliz após o primeiro sucesso obtido na carreira de desenhista, pego nova folha em branco e desenho, querendo provocá-la, o que viam as pessoas grandes.

– Não! Não! Eu não quero um elefante morando dentro de uma jiboia. As jiboias são perigosas, e o elefante ocupa muito espaço. Tudo é pequenino de onde venho. Preciso de um passarinho. Desenha-me um passarinho.

A Lebre de Março, impaciente, retruca: – Sirva-se de um cálice e deixe os passarinhos voarem em liberdade.

– Eu quero soltar um passarinho no meu planeta.

Os pássaros selvagens passam por lá, migrando, mas não ficam.

Faço o desenho, ela atentamente analisa e diz: – Esse me parece triste e pouco colorido. Desenha-me outro.

Desenho de novo, e de novo, e de novo.

O sonolento Leirão mistura bocejos e pitacos, a Lebre de Março resmungando do chá a esfriar. A cada desenho, ela responde com uma crítica diferente, ora o passarinho parece triste, ora é grande, ora é muito pelado, ora tem um bico largo demais etc.

Perco a paciência, desenho uma bota, a minha primeira – meu trabalho de desenhista se resume a chapéus de todos os tipos e extravagâncias –, e digo:

– O passarinho fez ninho dentro da bota.

A Lebre de Março dá gargalhadas; todavia, para a nossa surpresa, um brilho ilumina a face da pequena juíza.

– Perfeito! O passarinho já veio no seu ninho.

Depois sorri e me pergunta: – Ele precisará de mais capim para aumentar o ninho?

– Por quê?

– Porque é muito pequeno onde moro.

– Não, quase nada, uns gravetos. E ele nem come tanto alpiste, é um passarinho pequenininho. Não é um

corvo.

– Não conheço nenhum corvo.

Ainda em pé, inclina a cabeça sobre o desenho e prossegue:

– Ouviram? Ele está assobiando.

Senta-se depois em uma grande poltrona, ao meu lado. O Leirão cochila. A Lebre de Março deposita a mão em forma de concha ao redor do ouvido. Pego um cone grande de papelão e encaixo no meu. Todos queremos ouvir o passarinho cantar dentro da bota.



Quebro o silêncio após alguns minutos.

– Por que um corvo se parece com uma escrivaninha? Ninguém soube responder a essa charada. Se acertares, desenharei uma gaiola para você prender teu passarinho.

– Prendê-lo? Essa é uma ideia absurda! A gaiola é uma invenção absurda.

– Mas se você não o prender, ele pode voar, ir embora e se perder.

– E para onde ele iria?

– Não sei, não sei. A escrivaninha ficaria parada, as xícaras a serem lavadas em cima dela, entretanto um